

## A CONTRACULTURA: O OUTRO LADO DA MODERNIZAÇÃO AUTORITÁRIA

*Cláudio Novaes Pinto Coelho*

No Brasil, a contracultura foi um movimento social que procurou romper com a modernização da sociedade brasileira posta em prática de forma autoritária pela ditadura militar, estabelecida no país com o golpe de 1964. Os membros dos governos militares consideravam o Estado a encarnação da racionalidade, cabendo às suas instituições (em especial as que compõem o Poder Executivo) organizar e controlar as diferentes dimensões da vida social, tendo em vista a promoção do desenvolvimento econômico. De acordo com essa visão de mundo, o Estado é o ator principal (o sujeito) da vida social.

No período de 1969 a 1974, apenas a luta armada — além da contracultura — procurava combater a sociedade vigente. Mas, ao contrário da luta armada, que priorizava o combate ao aparato repressivo do Estado, a contracultura dirigia-se para o que, de acordo com a sua visão de mundo, seria o fundamento do autoritarismo: a racionalização da vida social. O questionamento contracultural da racionalidade incidia nas mais diferentes dimensões da vida cotidiana. O caráter pluridimensional dessa prática social aparecia nas suas principais características: a ênfase na subjetividade em oposição ao caráter objetivo/racional do mundo exterior, a aproximação com a “loucura” e a marginalidade, a construção de comunidades alternativas.

Entre 1964 e 1968, as tentativas de mudança comportamental estavam articuladas com a luta política contra a ditadura (a tropicália foi um exemplo disso). Nesse período, o movimento hippie aparecia apenas como algo estrangeiro ou um novo modo de se vestir. Somente a partir de 1969 começaram a aparecer os primeiros sinais da existência de um movimento voltado especificamente para transformações individuais e questionador da racionalidade. Em seu livro de memórias *Os Anos 60*, o jornalista e diretor de teatro Luiz Carlos Maciel — um dos principais divulgadores do movimento contracultural — caracterizou 1969 como o “ano 1 da Nova Era” (Maciel, 88). Segundo ele, após os acontecimentos de 1968 “não dava para acreditar em nada, tinha que começar tudo de novo. Foi o que fizemos” (idem).

Em 1969, começaram a surgir referências na imprensa sobre a existência de um movimento hippie no Brasil. A revista *Veja* de 12 de novembro, por

exemplo, publicou matéria a respeito de uma concentração hippie na Bahia, apontando ainda que esses movimentos já eram alvo da repressão policial:

“Eles brotaram de todos os lados, em grupos ou solitários, caminhando no acostamento das estradas ou pedindo carona aos viajantes mais simpáticos. (...) Sua meta final: a cidade de Salvador. O motivo: uma concentração hippie na capital baiana. Mas quase nada deu certo. Em primeiro lugar, o delegado de Jogos e Costumes ameaçou prender todos eles por vagabundagem. Alguns hippies acreditavam que a sua grande festa seria em novembro. No entanto, os mais bem-informados juram que a concentração não vai sair antes de janeiro. Outros dizem que a reunião de mais de 200 deles era apenas coincidência. E a mobilização enfraqueceu. Sem falar nos que nem chegaram à Bahia. É o caso de Beatriz, 18 anos, e Marlene, 19 anos, duas gaúchas que acabaram presas em Curitiba; tiveram azar de pedir comida a um delegado” (p. 41).

Um marco importante da articulação da contracultura enquanto movimento social foi a publicação do “Manifesto Hippie” de Luiz Carlos Maciel em *O Pasquim* (8 de janeiro de 1970). Desse manifesto fazia parte uma lista com duas colunas; uma delas expressando os limites aos quais a “velha razão” teria chegado, e a outra apresentando a “nova sensibilidade”, capaz de ultrapassar esses limites:

“Seguinte: o futuro já começou. Não se pode julgá-lo com as leis do passado. A nova cultura é o começo da nova civilização. E a nova sensibilidade é o começo da nova cultura. (...) Você curtiu essa? Há muito ainda a curtir. Não se deixe perder pelos demônios da velha razão. Ela ainda não conhece o poder dos sentidos da mesma maneira que, durante séculos, insistiu em ignorar o poder dos instintos. Não se deixe perder. Fique na sua. (...) Fique na sua. Compare as duas listas desta página. A segunda é uma resposta à primeira, item por item. O limite da velha razão engendra a nova sensibilidade.

Angústia	Paz
Uísque	Maconha
Neurose	CompulsivaEsquizofrenia
Amor Livre	Amor Tribal
Agressivo	Tranquilo
Papo	Som e Cor
Ateu	Místico
Sombrio	Alegre
Brasil	Ipanema e Bahia
Panfletos	Flor
Na dos outros	Na sua
Comunicação	Subjetividade

Psicanalisado	Ligado
Bar	Praia
Herbert Marcuse	Wilhelm Reich
Política	Prazer
Bossa Nova	Rock
Pílula e aborto	Filho Natural
Ego	Sexo
Discurso	Curtição
Oposição	Marginalização
Família e amigos	Tribo
Segurança	Aventura” (p.11).

A partir de 1970, proliferaram publicações underground vinculadas à contracultura, como *Flor do Mal*, *Presença*, *Rolling Stone* (edição brasileira), e também as feiras de arte hippies ou eventos como o Festival de Arembepe, realizado na Bahia, em 1971. A configuração, no início dos anos 70, da contracultura como um movimento social perseguido pela repressão policial-militar fica evidenciada pela matéria “Hippies sem Paz”, publicada por *Veja* em 4 de março de 1970:

“O amor esconde o proxenetismo, a paz é um slogan da subversão e a flor tem o aroma dos entorpecentes. Ao decifrar dessa forma os símbolos hippies, a Polícia Federal ordenou a todos os Estados uma campanha rigorosa contra os jovens de colar no pescoço e cabelos compridos. Na semana passada, perto de 200 deles foram presos na Feira de Arte de Ipanema, no Rio, e 12 foram expulsos de sua minifeira, na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, onde vendiam pinturas. Cento e vinte estão presos em Salvador e mais alguns foram para a cadeia no Recife, onde serão investigados um a um” (p. 70).

#### RAZÃO E LOUCURA NOS ANOS 70

Ao reduzir a racionalidade à racionalização autoritária, a contracultura colocava a negação da racionalidade enquanto tal como a única possibilidade de questionamento da sociedade vigente; daí a adoção da “loucura”. Nas palavras de Heloísa Buarque de Hollanda, analisando a contracultura, com o seu: “(...) empenho na procura de uma forma nova de pensar o mundo, a loucura passa a ser vista como uma perspectiva capaz de romper com a lógica racionalizante da direita e da esquerda” (Hollanda, 69).

De acordo com um outro intérprete da contracultura brasileira — Celso Favaretto —, para ela: “(...) só importaria o conhecimento que saltaria no

entre-lugar, no entre-tempo da percepção e do pensamento, explorando as rachaduras da linguagem; soltar a mente dos limites da razão, viver a loucura, o desejo e êxtase” (Havareto, 32).

Ao assumir o rompimento com a racionalidade como uma forma de dissidência social, a contracultura expunha-se à ação repressiva da modernização autoritária. A repressão às práticas sociais contraculturais não se deu apenas pela prisão dos hippies, mas também pelo internamento dos “loucos” — um dos modos pelos quais os contraculturais se denominavam — nos hospitais psiquiátricos: a “loucura” contracultural era, simultaneamente, uma condição assumida pelos próprios hippies e um estigma a eles atribuído pelos “caretas” (os normais). Em *Geração baseada*, Galvão, compositor dos Novos Baianos, faz referência ao internamento de jovens hippies rompidos com a cotidianidade da modernização autoritária:

“Desenvolveram-se aptidões manuais e criou-se um mercado artesanal de trabalho. Aboliu-se de cara o livro de ponto, o horário, a materialização do patrão e por aí o jovem escolheu sua vida. Sinto dizer que alguns piraram e outros os pais por ignorância colocaram no sanatório” (Galvão 60).

Mas, nos “anos de chumbo” (1969-1974), não só os hippies estavam sujeitos ao internamento; qualquer forma de dissidência corria o risco de ser considerada sintoma de um enlouquecimento. O ex-guerrilheiro da Vanguarda Popular Revolucionária, VPR, Alex Polari narra no seu livro de memórias *Em busca do tesouro* o internamento de sua namorada pelos pais:

“Relativamente bem-informados quanto aos rumos da radicalização política da época, passaram rapidamente de uma atitude liberal quanto à militância estudantil de Mônica a um verdadeiro pavor quanto à possibilidade de ela vir a se enrolar com práticas clandestinas. Argumentos tais como a falta de vaidade, os horários, sua pouca permanência em casa e nos rituais familiares foram levando à firme convicção de que Mônica enlouquecera” (Polari 144).

A interpenetração do internamento hospitalar e do aprisionamento de dissidentes fica evidenciada, por exemplo, pela presença de um médico ligado ao Cenimar — órgão de repressão vinculado à Marinha — no hospital onde Mônica foi internada (cf. Polari 145).

O duplo caráter da “loucura” nos anos de chumbo — ter sido atribuída pelo Estado (e pelos seus “representantes” na sociedade, como os pais e os médicos psiquiatras) aos dissidentes e, ao mesmo tempo, assumida por esses como forma de resistência — manifestou-se em toda a sua plenitude nas práticas

sociais contraculturais, que colocavam o combate à racionalidade como a sua razão de ser, permitindo por intermédio de sua análise uma percepção dos impasses a que essa prática estava sujeita na sua tentativa de constituir-se como prática social alternativa, isto é, capaz de provocar transformações sociais.

A vida e a obra do poeta e jornalista Torquato Neto apresentam de forma vigorosa as diferentes dimensões da relação entre a contracultura e a “loucura”. Em *Os últimos dias de paupéria*, livro póstumo que reúne poesias, artigos publicados no jornal *Última Hora* e o diário escrito quando se encontrava internado num hospício, a loucura aparece ora como algo atribuído pelo outro com finalidade de repressão e controle, ora como uma forma de libertação, ora como uma situação que precisa ser superada para se poder sobreviver.

O caráter afirmativo da loucura assumido pela contracultura aparece em *Os últimos dias de paupéria* quando o seu autor a situa como a única possibilidade de negação do existente e de criação do novo. Em meio à repressão da modernização autoritária, Torquato tentava combater o medo defendendo o ato de “dar bandeira” e colocando-se como destinado a “desafinar o coro dos contentes”. (A esse respeito ver pp. 46 e 47.)

O impasse a que chegou a relação entre a contracultura e a loucura fica evidenciado nos trechos do diário de Torquato Neto em que narra sua luta para livrar-se da loucura. Os textos de *Os últimos dias de paupéria* estão perpassados pelo conflito entre o lado afirmativo da loucura e sua dimensão autodestrutiva. Quando a loucura o colocou na proximidade da morte, Torquato tentou lutar contra ela, buscando um retorno à razão. Como as práticas sociais contraculturais reduziam a racionalidade à racionalização autoritária, o retorno à razão significava uma aceitação dessa racionalização. No caso de Torquato Neto, isso implicava não mais ver o hospício como uma prisão, mas sim como uma escola onde os médicos lhe ensinariam a viver: “(...) vim para a escola para aprender a viver. Isto aqui é uma escola. Meu Deus, eu preciso conseguir nesta escola os instrumentos que me preservarão e que me desviarão do encontro marcado que é preciso adiar” (Torquato 59).

O dilema vivido por Torquato Neto, entre aderir à razão autoritária e negar-se a si próprio ou continuar negando a racionalidade enquanto tal e encaminhar-se para a autodestruição, evidencia a inviabilidade da contracultura enquanto uma prática social alternativa.

A contracultura mostra que a razão autoritária e a “loucura” estavam umbilicalmente ligadas: cada uma sendo a outra face de uma mesma moeda. A contracultura não lutava por uma racionalidade alternativa, pois reivindicava uma diferença radical diante da razão. Assim fazendo, não era capaz de questionar

efetivamente a modernização autoritária, não conseguindo atingi-la, embora esse fosse o pressuposto para a sua existência: a contracultura não foi senão o outro lado, o lado “avesso” da modernização autoritária. Ambas trabalhavam com uma noção de indivíduo onde estava excluído o seu caráter de sujeito social. Para a modernização autoritária, o indivíduo não é senão um elemento passivo, subordinado aos ditames dos planejadores governamentais; enquanto para os contraculturais o indivíduo define-se apenas pela sua subjetividade, pelo seu mundo interior, que se opõe ao mundo social.

A “solução” encontrada por Torquato Neto para o círculo vicioso que o colocava entre a loucura e a racionalização autoritária foi a de encontrar um “lado de fora” saindo da vida. Uma resposta que é sintomática da inviabilidade, naquele momento, de uma racionalidade alternativa, em virtude da derrota sofrida em 1968 pela luta em prol da democratização da sociedade brasileira.

A derrota dos movimentos de 1968, sufocados pela ação repressiva do regime militar, repercute até hoje na sociedade brasileira. A redemocratização, concretizada com as eleições presidenciais de 1989, restringiu-se à dimensão especificamente política. O autoritarismo estatal foi substituído, devido à hegemonia neoliberal, pelo autoritarismo do mercado (o sujeito social da realidade contemporânea). Trata-se de um autoritarismo muito mais sutil e provavelmente mais eficaz: o Estado deixou de ser visto como o agente modernizador, cedendo espaço ao mercado.

A contracultura, que enquanto movimento social existiu no período entre 1969 e 1974, sobrevive hoje apenas como um simulacro do movimento original: um produto da indústria cultural, como os hippies da novela *Estrela-Guia*, exibida em 2001 pela Rede Globo de Televisão. Nos anos 70 do século XX, as práticas sociais contraculturais tentaram, mas não conseguiram, criar uma cultura alternativa. Hoje, início do século XXI, quando os mecanismos do mercado são vistos como a única possibilidade de modernização, mais do que nunca se faz necessária a busca por uma racionalidade alternativa, que reconheceria os indivíduos com o sujeitos sociais, ou seja, subordinados às determinações sociais, mas ao mesmo tempo capazes de ultrapassá-las, transformando a realidade.

#### BIBLIOGRAFIA

- FAVARETTO, Celso. “Nos rastros da tropicalia”, *Arte em Revista*, São Paulo, v. 5, n. 7, 1983, pp. 31-38.  
 GALVÃO. *Geração baseada*. Rio de Janeiro, Codecri, 1982.  
 HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde, 1960/70*. São Paulo, Brasiliense, 1980.  
 MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. Porto Alegre, L&PM, 1987.  
 POLARI, Alex. *Em busca do tesouro*. Rio de Janeiro, Codecri, 1982.  
 TORQUATO NETO. *Os últimos dias de paupéria*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.